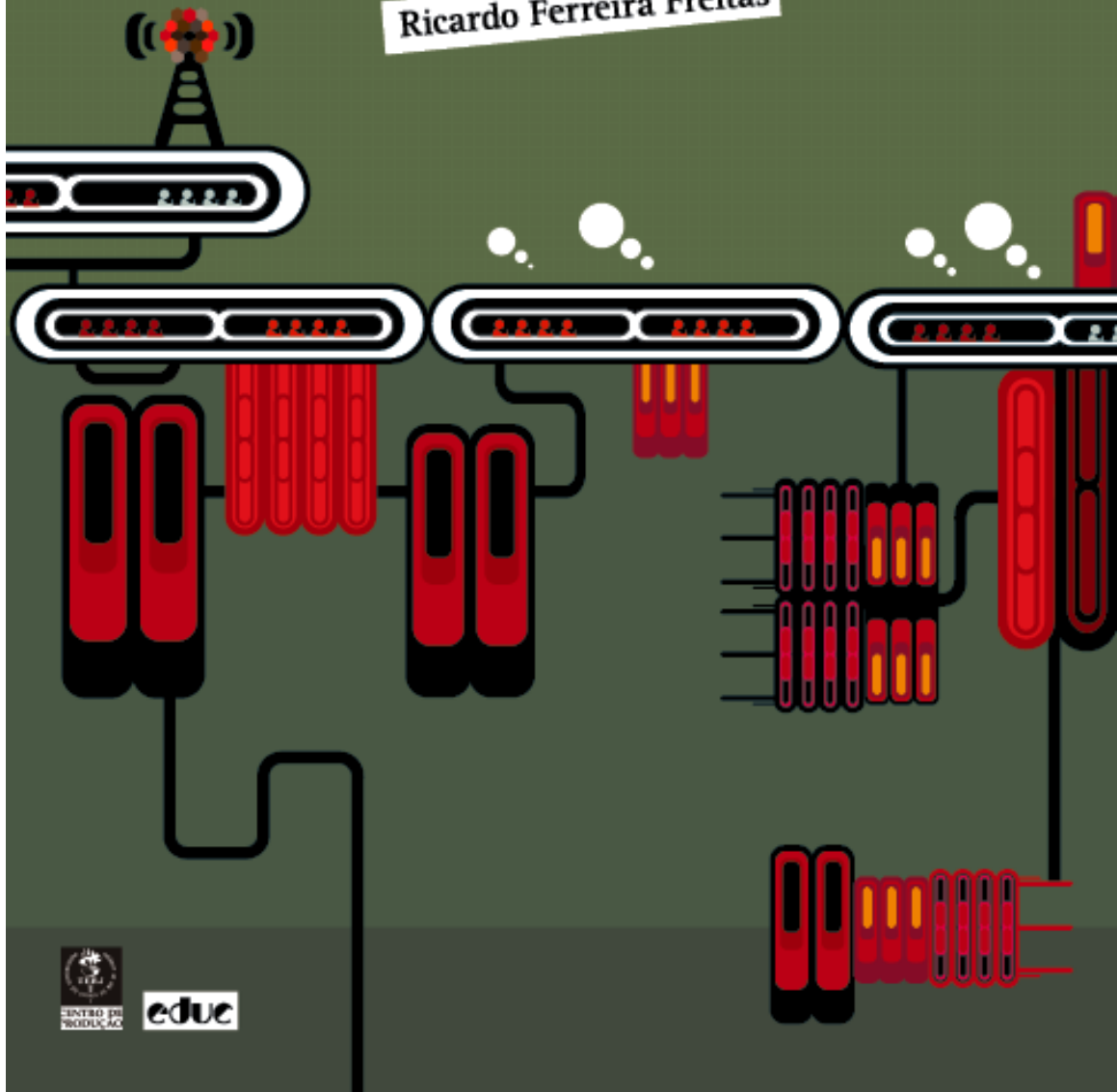




COMUNICAÇÃO, NARRATIVAS E CULTURAS URBANAS

Silvia H. S. Borelli

Ricardo Ferreira Freitas





Angela Prysthon
Clarissa Daneluz
Denise da Costa Oliveira Siqueira
Edgar Morin
Edgard de Assis Carvalho
Edmilson Felipe da Silva
Fabrício Silveira
Heloiza Beatriz Cruz dos Reis
Isabel Ferin Cunha
Jeder Janotti Jr.
João Freire Filho
João Luis de Araújo Maia
Joëlle Rouchou
Josimey Costa da Silva
Maria Margarida Cavalcanti Limena
Micael Hershmann
Ricardo Ferreira Freitas
Rita Alves Oliveira
Rose de Melo Rocha
Silvia Helena Simões Borelli
Simone Luci Pereira
Taiane Linhares
Vânia Oliveira Fortuna

BORELLI, Silvia H. S. e FREITAS, R. F. *Comunicação, narrativas e culturas urbanas*.
São Paulo: EDUC/UERJ, 2009. ISBN: 978-85-283-0398-8.



Comunicação, Narrativas e Culturas Urbanas^{1 2}

Silvia Helena Simões Borelli³
Ricardo Ferreira Freitas⁴

Resumo

O livro que aqui se apresenta resulta de uma segunda síntese dos trabalhos e temáticas apresentados do NP Comunicação e Culturas Urbanas (2005-2008). Trata-se de uma reflexão sobre culturas comunicacionais urbanas na contemporaneidade, com foco nas interfaces entre os campos da Comunicação e Antropologia. Relacionando diferentes áreas da pesquisa e do conhecimento, foram privilegiados os seguintes recorte qualitativos: a) cenários urbanos, identidades e sociabilidades; b) experiências urbanas, narrativas midiáticas, estéticas e sensibilidades; c) sonoridades, urbanidades e tecnicidades.

Palavras-chave

comunicação; narrativas; culturas urbanas; identidades, sociabilidades; experiências. Sensibilidades

Sumário

1. São Paulo, Califórnia e China: narrativas de Edgar e Edgard

1.1. A reinvenção da cultura urbana - Edgard de Assis Carvalho

1.2. Familiaridades, estranhezas: diários de um viajante - Edgar Morin

Cidades se assemelham a cenários inacabados, palcos de operações imediatistas e oportunistas que ampliam as formas de controle da cidadania, reprimem espaços, endeusam a segurança, ignoram a preservação do patrimônio. Cidades sempre vivenciam dois ciclos: um curto, imediato, transitivo, que aposta na coisificação do mundo e das subjetividades, outro mais longo, intransitivo, transhistórico, que investe nos mitos, no imaginário, na autoética, cuja função é construir reservas de memória coletiva a serem disponibilizadas para tempos futuros. Ambos traduzem os paradoxos e

¹ Trabalho apresentado no PUBLICOM – Interfaces Comunicacionais, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Lançamento do livro: BORELLI Silvia H. S. e FREITAS Ricardo F. (orgs.) *Comunicação, narrativas e culturas urbanas*. São Paulo/Rio de Janeiro: EDUC/ PUCSP/UERJ, 2009

³ Professora Livre Docente e Pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (PUCSP): siborelli@gmail.com.

⁴ Professor Doutor e Pesquisador da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ): rfreitas@uerj.br.



tensões entre o mesmo e o outro, o antigo e o novo, a ordem e a desordem, a organização e a reorganização desses tempos de modernidade líquida.

2. Arqueologias metropolitanas. Modernidade e cosmopolitismo na América Latina - Angela Prysthon

A afirmação de cultura urbana latino-americana vem sendo feita desde o período colonial, mas é possível identificar nas narrativas das vanguardas e nos discursos e formas da modernidade o ápice e a consolidação do ideal metropolitano do subcontinente. O propósito deste ensaio é precisamente debater os modos de cristalização das cidades latino-americanas como modelos de urbanidade e de modernidade. Objetivamos investigar como a partir das referências das grandes metrópoles mundiais foi constituída e disseminada uma idéia de “civilização” latino-americana.

3. Cidades globais, cidades virtuais: a construção da identidade-lugar em tempos de incerteza - Maria Margarida Cavalcanti Lima

O mundo urbanizado e posto em movimento unifica, de certo modo, realidades e sonhos das pessoas, ao mesmo tempo em que as divide em seus espaços e cria sociabilidades múltiplas. A pluralidade de formas de apropriação material e simbólica constitui expressão ímpar da diversidade nas grandes cidades, nisto residindo sua própria riqueza cultural – patrimonial, social, política e imagética – que possibilita a construção de novas formas de territorialidade e de novas modalidades de uso dos espaços.

Neste cenário, destacam-se formas inéditas de comunidades, não mais determinadas por pertencimentos estáveis; ao contrário, novas formas surgem a partir de associações instáveis, efêmeras, não dadas, que emergem das contínuas hibridações, contaminações criativas e encontros / desencontros entre culturas diversas, afirmando-se por meio das relações entre os homens que, incessantemente, se apropriam, produzem e transformam o território e os lugares.

Isto coloca uma questão fundamental: como refletir sobre novas formas de identidade, não como entidade ou substância que distingue individualidades, que pode ser abstraída de regras, tipos e morfologias, mas como uma singularidade que pode tomar forma somente na perspectiva temporal de um horizonte aberto, em contínuas relações e trocas?



Se a identidade, numa ótica não determinista, não pode ser presumida a partir de regras ou de objetivações estáveis, devendo ser entendida como uma obra em construção contínua, como pensar novas formas de identidade-lugar, a partir da experiência de comunidades - modeladas por instabilidades e heterogeneidades - que podem ser vistas como novas formas de estar junto, como lugar de encontro/desencontro de histórias diferentes, como invenção de novos modos de fazer dialogar, de forma criativa, a memória do lugar com a experiência de seus habitantes?

Estas questões conduzem esta reflexão, que busca contribuir para a compreensão de novas modalidades de uso do espaço urbano. Destaca-se, nesse sentido, a idéia de que é possível apontar - num horizonte dialógico e relacional - a existência de novos processos produtores de identidade, que não somente interpretam a memória de cada contexto específico, mas conferem significado a nossas experiências cotidianas.

4. Sentir-se em casa: os media entre a globalização e a regionalização - Isabel Ferin Cunha

Este artigo tem como objectivo discutir os processos de apropriação local dos Media no contexto da globalização “exacerbada”. Inicia-se a exposição discutindo algumas perspectivas teóricas sobre a Globalização centrada nos Media e os desafios metodológicos que essas abordagens envolvem. Em seguida, procura-se entender como a Globalização tem originado novas concepções de Regionalismo, não só fundado em relações de vizinhança e proximidade, como a partir de partilha de uma língua, cultura ou história. Estes novos Regionalismos, tendem a questionar a Globalização, apesar de se apresentarem como formas de «globalização regionalizada». Num momento da história das sociedades em que as migrações, físicas, mentais e digitais permeiam o quotidiano, o objectivo é «sentir-se em casa» seja onde se estiver.

5. O Rio de Janeiro continua lindo, o Rio de Janeiro continua sendo um grande palco de megaeventos - Ricardo Ferreira Freitas, Vânia Oliveira Fortuna

Este trabalho aborda a especial vocação da cidade do Rio de Janeiro para abrigar megaeventos, oportunidade em que se forma uma rede de comunicação urbana que convida a cidade, a população e o visitante à produção de novos sentidos, seduzidos por uma metrópole que apresenta variedade cultural conjugada à beleza natural. Para entender essa dinâmica, revisitamos a trajetória histórica que desenvolveu tal vocação, a mudança de imagem da cidade após a transferência da capital do país e a busca pela



superação. O Rio continua atraindo grandes investidores e produzindo eventos de grande porte, como verificamos nos Jogos Pan-americanos de 2007, evento que elucida este artigo.

6. Dança na rua: arte, representação e comunicação na cidade - Denise da Costa Oliveira Siqueira

O artigo foca a experiência da dança cênica contemporânea no espaço público urbano, entendendo a rua como palco e local midiático - pelas mídias que abriga, mas também por ser tema diariamente representado por meios de comunicação de massa. Em termos metodológicos, aborda o trabalho de três artistas que já participaram da mostra Dança em Trânsito, no Rio de Janeiro, e deram depoimentos sobre sua experiência: Esther Weitzman, Marcellus Ferreira e Ana Vitória. Desde o início dos anos 2000 o Dança em trânsito tem lugar em ruas e espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro. Como outros eventos de arte contemporânea em arquiteturas urbanas, incentiva uma relação público/artista/obra distinta daquela dos rituais do teatro, expressando paralelamente preocupação comunicativa e estética.

7. Paisagens sonoras urbanas: uma contribuição ao estudo da escuta midiática - Simone Luci Pereira

A escuta contemporânea vem cada vez mais se mostrando como uma narrativa cultural e midiática aberta para a reflexão sobre a forma como o ambiente urbano, a imaginação global, as novas tecnologias incidem nos afetos e percepções dos ouvintes. Este texto busca explorar aspectos das memórias de escuta de ouvintes da Bossa Nova, valendo-se do uso de algumas noções conceituais como "performance" "paisagem sonora", bem como interpretando alguns elementos das tecnologias de gravação e da linguagem musical, como contribuições para a interpretação das músicas das mídias. Entende-se, assim, a paisagem sonora urbana como elemento preponderante para a compreensão da música midiática e a sua escuta pelos ouvintes, onde esta última se articula, em maior ou menor grau, à escuta de um tempo, de uma cidade, uma escuta do mundo, enfim.

8. A cidade na crônica de Álvaro Moreyra - Joëlle Rouchou

Este artigo tem por objetivo perceber a construção do moderno e da metrópole através das crônicas no livro A cidade mulher (1923) do escritor e jornalista Álvaro Moreyra (1888-1964), no princípio dos anos 20 do século XX. É a continuação da pesquisa



iniciada sobre seus textos publicados na revista Fon Fon! Interessa compreender como vão se forjar as novas identidades dos sujeitos agora cidadãos no espaço público e suas novas sensibilidades lidando com as grandes avenidas, os cinemas, o bonde e a modernidade.

9. Os centros urbanos na mira do curta-metragem - Edmilson Felipe da Silva

O texto analisa as manifestações culturais ocorridas no Brasil desde o século XX, destacando o desenvolvimento urbano-industrial nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. A análise fundamenta-se no cinema de curta-metragem, como um dos veículos significativos na abordagem da dinâmica cultural destas cidades.

A narrativa dos filmes “Meia dura encarnada de sangue”, “O inspetor” e “Um pouco mais um pouco menos” (Jorge Furtado, Arthur Omar e Marcelo Masagão respectivamente), propicia ao espectador um mergulho no universo de pluralidades que redefinem a inteligibilidade de novas formas discursivas, bem como acentua a reflexão a respeito dos efeitos midiáticos destas produções, profundamente marcadas pelas experimentações e inovações que garantem ao formato um papel de destaque no cenário contemporâneo.

10. Imagens fora de lugar. Comunicação e arte no grafite de Bruno Novelli - Fabrício Silveira, Clarissa Daneluz

Parte de um projeto de pesquisa maior, ainda em andamento, o texto apresenta algumas peças e discute, sem pretensões de esgotamento e exaustividade, certos aspectos da obra de Bruno Novelli, um dos participantes mais destacados de um grupo de jovens artistas gaúchos intitulado UpGrade do Macaco. Oscilando entre referências estéticas, linguagens e suportes diversos, os grafites de Novelli teriam um forte acento midiático-comunicacional.

11. Entretenimento, produtos midiáticos e fruição estética - Jeder Janotti Jr.

O artigo discute as relações entre mídia e entretenimento, destacando a necessidade de abordá-la em pelo menos três aspectos: 1) a compreensão dos significados que envolvem o substantivo entretenimento; 2) o entretenimento através dos produtos das indústrias culturais; 3) as relações entre o consumo dos produtos de entretenimento, as culturas urbanas e a fruição estética na comunicação contemporânea.



12. Boom dos videogames musicais nas culturas urbanas - Micael Hersmann

Analisar o impacto que as novas práticas/rotinas juvenis envolvendo games de música – em que a música é um aplicativo e tema central do videogame (tais como Guitar Hero, Sing Star e Rock Band) – estão gerando nas culturas musicais nos últimos anos. Pretendemos fazer um breve balanço tendo como referência a literatura especializada e informações - deste nicho de mercado de games e de música – disponíveis hoje. É possível atestar que vários destes videogames vêm obtendo grande sucesso e os *royalties* estão sendo repassados para a indústria da música, a qual vive uma crise sem precedentes. Além disso, é possível constatar também que vários artistas que vêm fazendo sucesso hoje alcançaram esta condição depois que suas músicas foram incluídas em trilhas de games populares. Em outras palavras, a maneira como a produção musical vem se posicionando nas culturas juvenis – intensamente “midiatizadas” – vem se alterando significativamente. Poder-se-ia indagar: como se constrói e renova o sentimento de pertencimento a certa cultura musical direcionada ao público jovem? Como se produz a identificação entre produção musical e seu respectivo público jovem? Parte-se do pressuposto de que os games - pela sua importância cultural entre os “jovens” – desempenha um papel significativo e é capaz de sinalizar tendências importantes para se compreender as dinâmicas de produção/consumo/valorização das culturas juvenis e musicais hoje.

13. Sociabilidade em bits: o espaço digital na Candelária, favela da Mangueira - João Luis de Araújo Maia, Heloiza Beatriz Cruz dos Reis

Convidamos o leitor a fazer uma reflexão sobre as experiências comunitárias numa favela carioca, parte pouco visitada da cidade. Para o nosso deambular no campo da comunicação e cultura, entraremos pelos becos, vielas, e subiremos o grande viaduto rosa que existe na favela da Mangueira para falar com o morador do morro. Vemos surgir uma re-significação da “sociabilidade comunitária” a partir do que a dinâmica de compartilhar o espaço da favela nos revela no cotidiano do ir e vir de seus moradores. Usamos as “brechas” dos becos para reinventar as “redes de sociabilidade” que não estão ali de maneira explícita, mas que servem de ossatura para a constituição da coesão social. Para compreender tais experiências comunitárias, buscamos nas “lugaridades” no sentido apontado por Milton Santos (1996), e na compreensão do conceito de “sociabilidade”, proposta por Michel Maffesoli (1984; 2004; 2006), visualizar as facetas lúdicas e rotineiras das redes comunicacionais no contexto da favela. A leitura desses



conceitos é fundamental na busca de alguns aspectos que constituem a comunicação na vida cotidiana, construindo a “sociabilidade comunitária” presente na cultura dos nossos dias.

14. Vidas regradadas: configurações da moralidade dentro da subcultura *straight edge* - João Freire Filho, Taiane Linhares

Os retratos da nova geração (insistentemente atualizados nos espaços midiáticos, com apoio de pesquisas mercadológicas e trabalhos acadêmicos) tendem a homogeneizar gostos, experiências, problemas e expectativas de um grupo variado de pessoas da mesma faixa etária, negligenciando a diversidade de preceitos e práticas que informam a existência das populações jovens. Tendo como instrumentos metodológicos a entrevista em profundidade e a observação de fóruns em comunidades do Orkut, examinamos, neste artigo, os argumentos e as atitudes morais que norteiam a adesão à subcultura *straight edge* – peculiar variante da cena *punk/hardcore*, notabilizada pela rejeição ao uso de drogas (lícitas e ilícitas) e à prática de sexo casual e pela adoção do veganismo (estilo de vida eticamente contrário ao consumo de quaisquer produtos de origem animal ou que neles tenham sido testados). A fim de compreender como os *straight edgers* constroem e expressam seus ideais particulares de virtude, diversão, comunidade e felicidade, apoiamo-nos criticamente em investigações sobre agrupamentos juvenis urbanos realizadas no âmbito da antropologia e dos estudos culturais e em reflexões sociológicas e filosóficas acerca da formação da moralidade na modernidade tardia.

15. A urbanidade como espelho: cultura, mídia, produção e consumo nas cidades - Silvia Helena Simões Borelli, Rose de Melo Rocha, Rita Alves Oliveira, Josimey Costa da Silva

Restituindo o percurso reflexivo do NP Comunicação e Culturas Urbanas, assume-se como ponto de partida o mapeamento das tematizações e categorias analíticas recorrentes em seus quatro anos de atividades (2005-2008). Tendo esta cartografia por referência, as autoras propõem a síntese e a construção teórica de alguns dos principais marcos reflexivos localizados na interpretação comunicacional e cultural da urbanidade: 1. Imaginários, visualidades e novos sensóreos em contextos urbanos; 2. Identidades, subjetividades e sociabilidades urbano-midiáticas; 3. Hibridizações, gêneros e produções culturais nas metrópoles; e 4. Articulações entre comunicação, consumo e mercado.